

VARANDA DE PÁSSAROS

||| JORGE TUFIC |||



valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

EDUA



O livro *Varanda de pássaros*, de 1956, representou a primeira publicação poética do Clube da Madrugada. Contudo, a produção poética de Jorge Tufic veio a se constituir numa das mais fecundas contribuições para o processo de evolução da moderna poesia amazonense. Seu discurso poético se define pelo senso de equilíbrio, sobriedade e pelo caráter experimental de boa parte de seus textos, particularmente *Chão sem mácula* (1966) e *Faturação do ócio* (1974).

Sua estréia aconteceu no contexto do pós-guerra, sob os influxos da tendência espiritualista do modernismo (ou antimodernismo) brasileiro, particularmente pela via da poesia de Jorge de Lima e do espírito formalista da Geração de 45. Isso explica a densidade subjetiva de boa parte de seus textos, plasmados numa atmosfera de desconsolo espiritual e equilíbrio formal. Esses dois traços caracterizam as duas margens de seu discurso poético. Tufic assimilou da poesia de João Cabral de Melo Neto a consciência de que, embora o poeta seja uma realidade subjetiva, a poesia é antes organização do texto, ação do ser racional do poeta sobre os seus versos, “rigor na sua construção”. Esse





C O L E C A O

RESGATE

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES



Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária-Executiva
Delzinda Barcelos

Coordenador de Edições
Antonio Auzier

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor
Hidembergue Ordozgoith da Frota

Editor
Renan Freitas Pinto

UNINORTE

Presidente
Waldery Areosa

Reitora
Maria Ercília Tribuzy

Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,
Governo do Estado do Amazonas, Edua
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede
Amazônica e Rymo da Amazônia.





VARANDA DE PÁSSAROS

4ª edição

||| JORGE TUFIC |||


Valer
EDITORA

CULTURA

Edições
Governo do Estado


EDUA

Copyright © Jorge Tufic, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira
Edimar Barros
Sérgio Fonseca
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

T914v Tufic, Jorge.

Varanda de pássaros. / Jorge Tufic. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.

68p.

ISBN 85-7512-168-5

1. Literatura brasileira (Amazonas) – Poesia I. Título.

CDU 82-1(811.3)

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195 – Centro
69010-120 – Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
e-mail: editora@valer.com.br
site: www.valer.com.br

SUMÁRIO

Clube da Madrugada – 50 anos de História	7
Apresentação	9

VARANDA DE PÁSSAROS

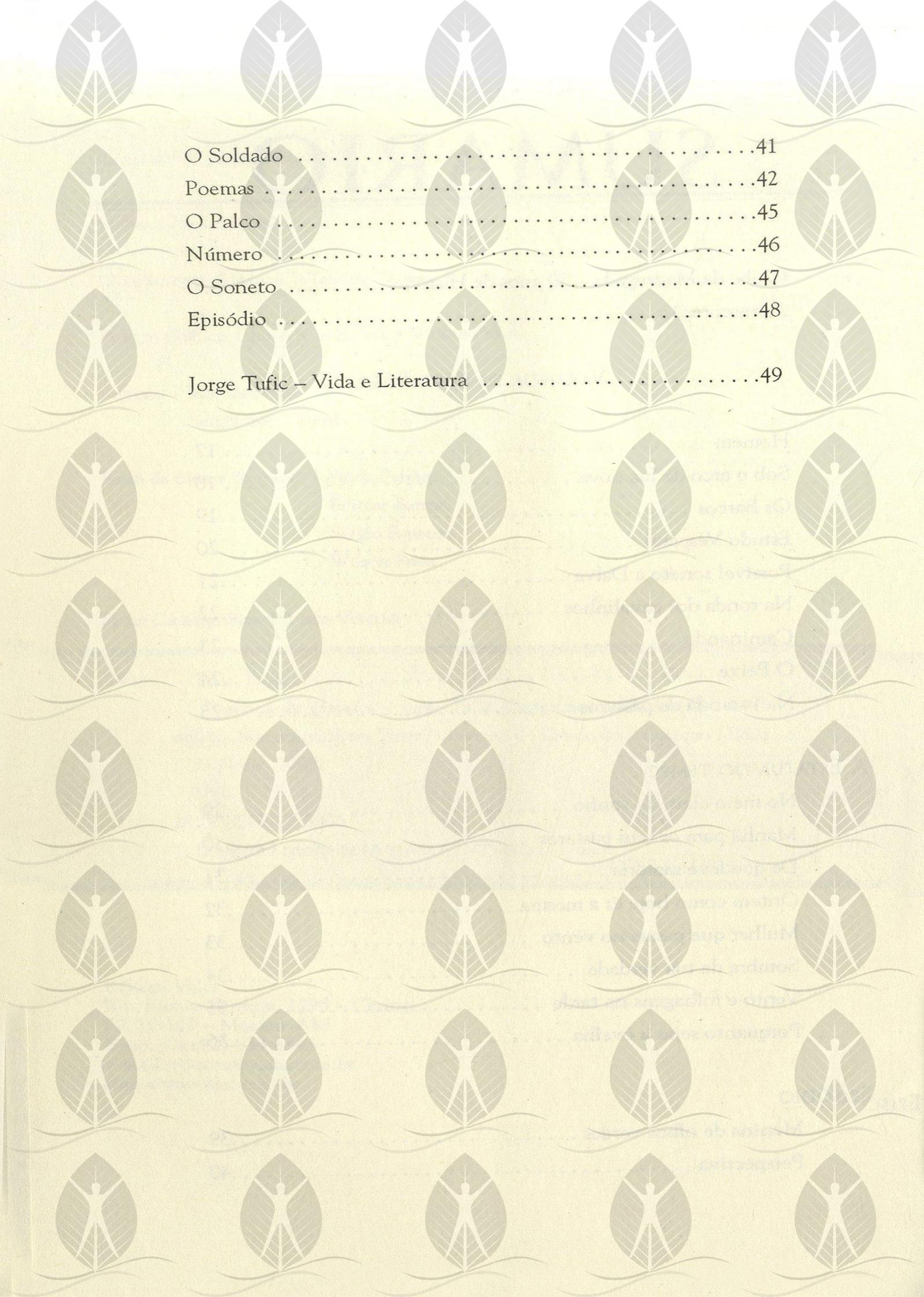
Homem	17
Sob o arco da lua nova	18
Os Barcos	19
Estudo Vespéral	20
Possível soneto à Dalva	21
Na ronda dos cavalinhos	22
Caminando	23
O Peixe	24
Na varanda de pássaros	25

A ESTÁTUA DO TEMPO

No meio claro do sonho	29
Manhã para os teus pássaros	30
De que leve matéria	31
Ontem como hoje és a mesma	32
Mulher que passas no vento	33
Sombra da tua verdade	34
Vento e folhagens na tarde	35
Porquanto sejas a ovelha	36

EPISÓDIO

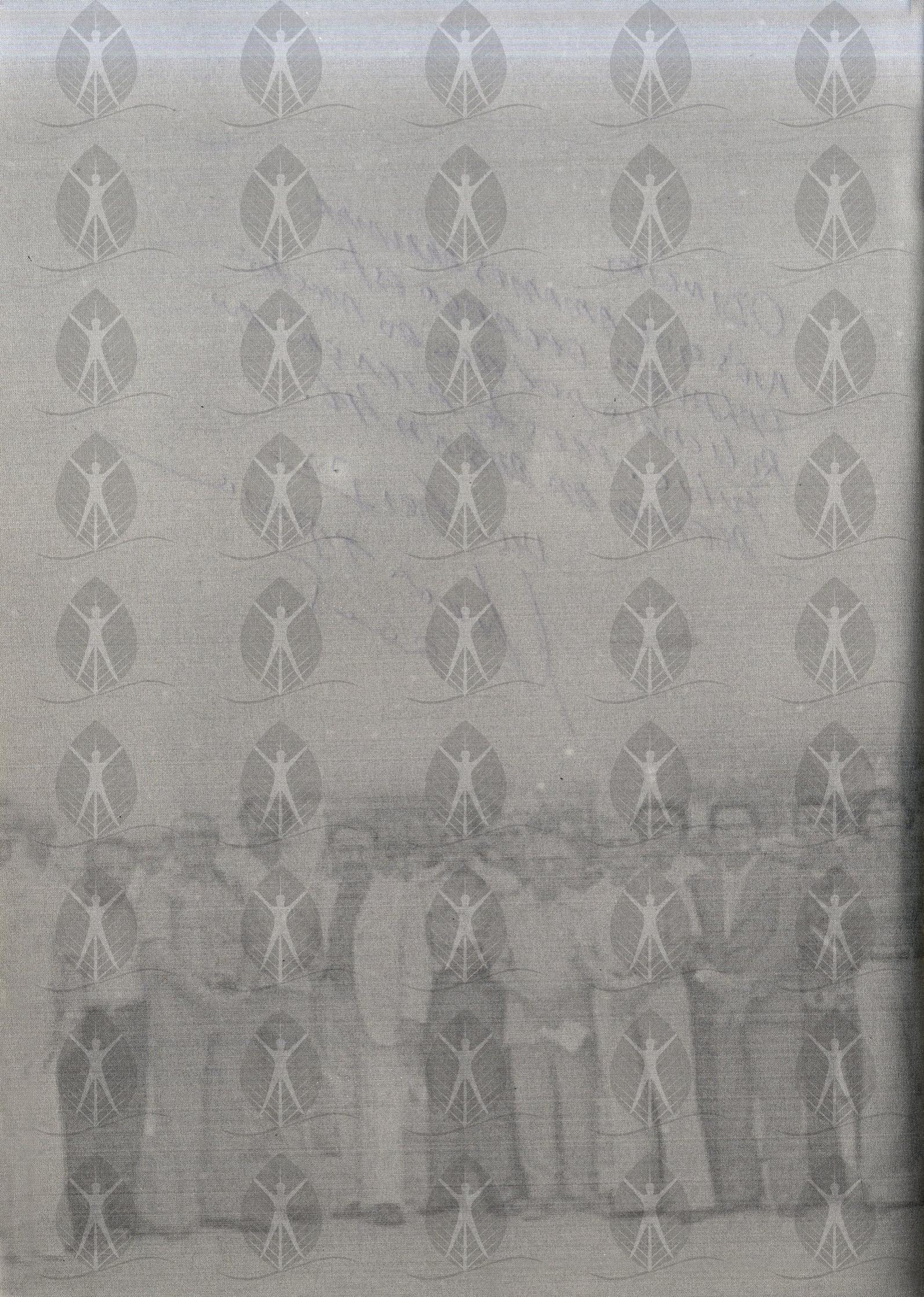
Menina de olhos verdes	39
Perspectiva	40



O Soldado	41
Poemas	42
O Palco	45
Número	46
O Soneto	47
Episódio	48
Jorge Tufic – Vida e Literatura	49

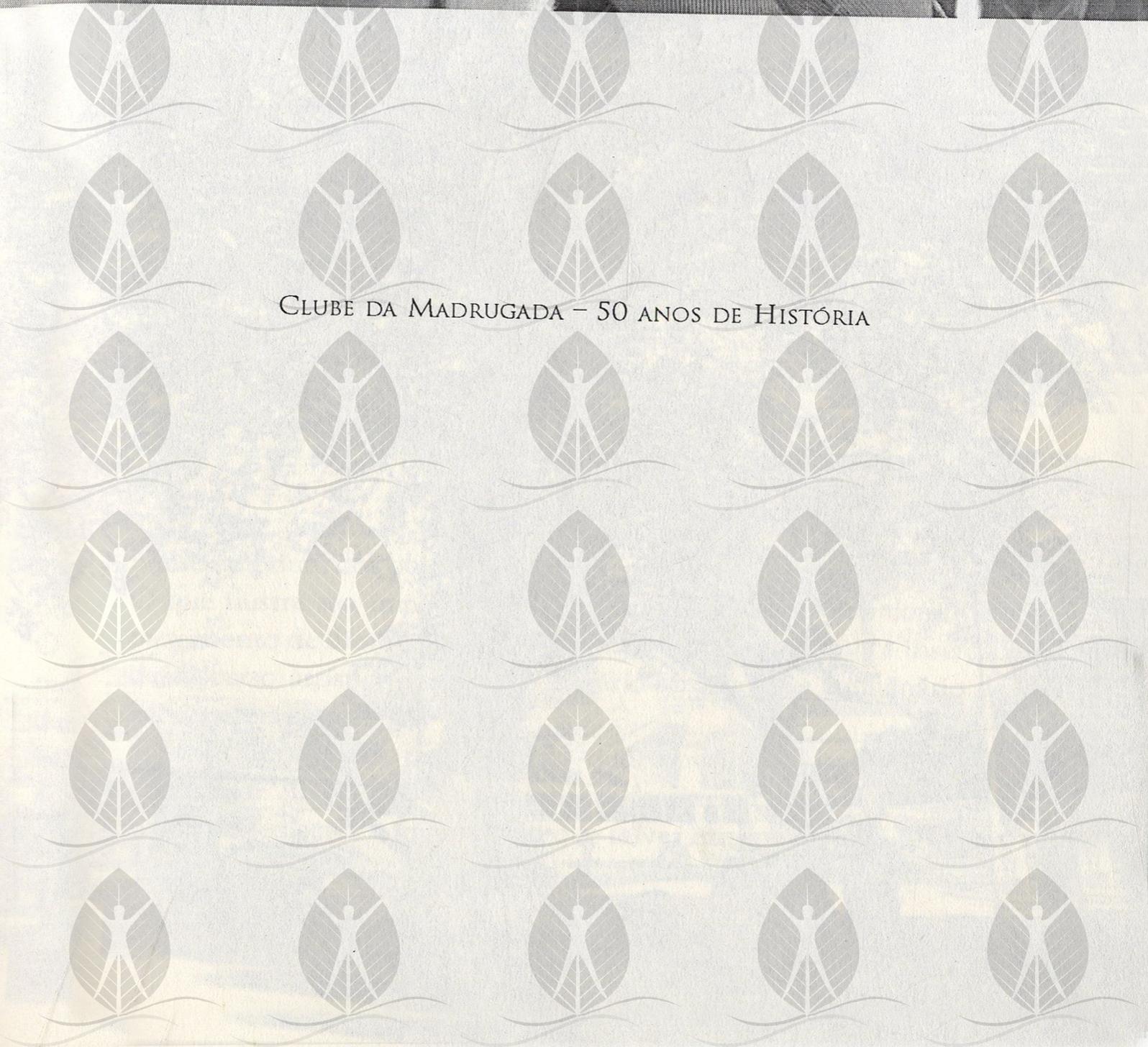


Um gesto a mais no vazio.
Miguel Torga

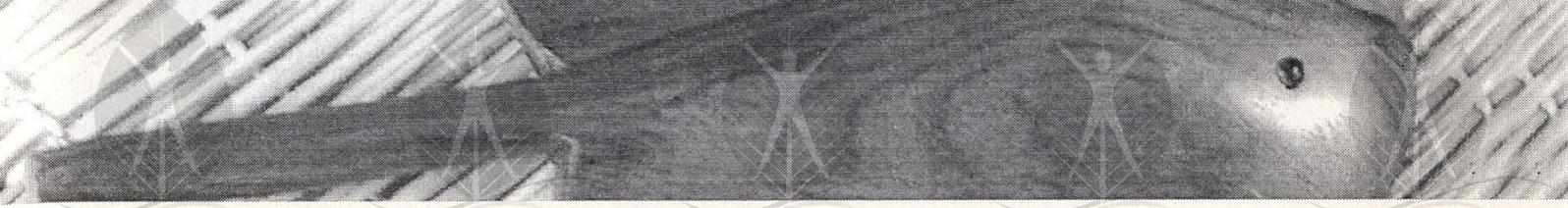




CLUBE DA MADRUGADA - 50 ANOS DE HISTÓRIA







CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam um anseio de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplidão cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações,

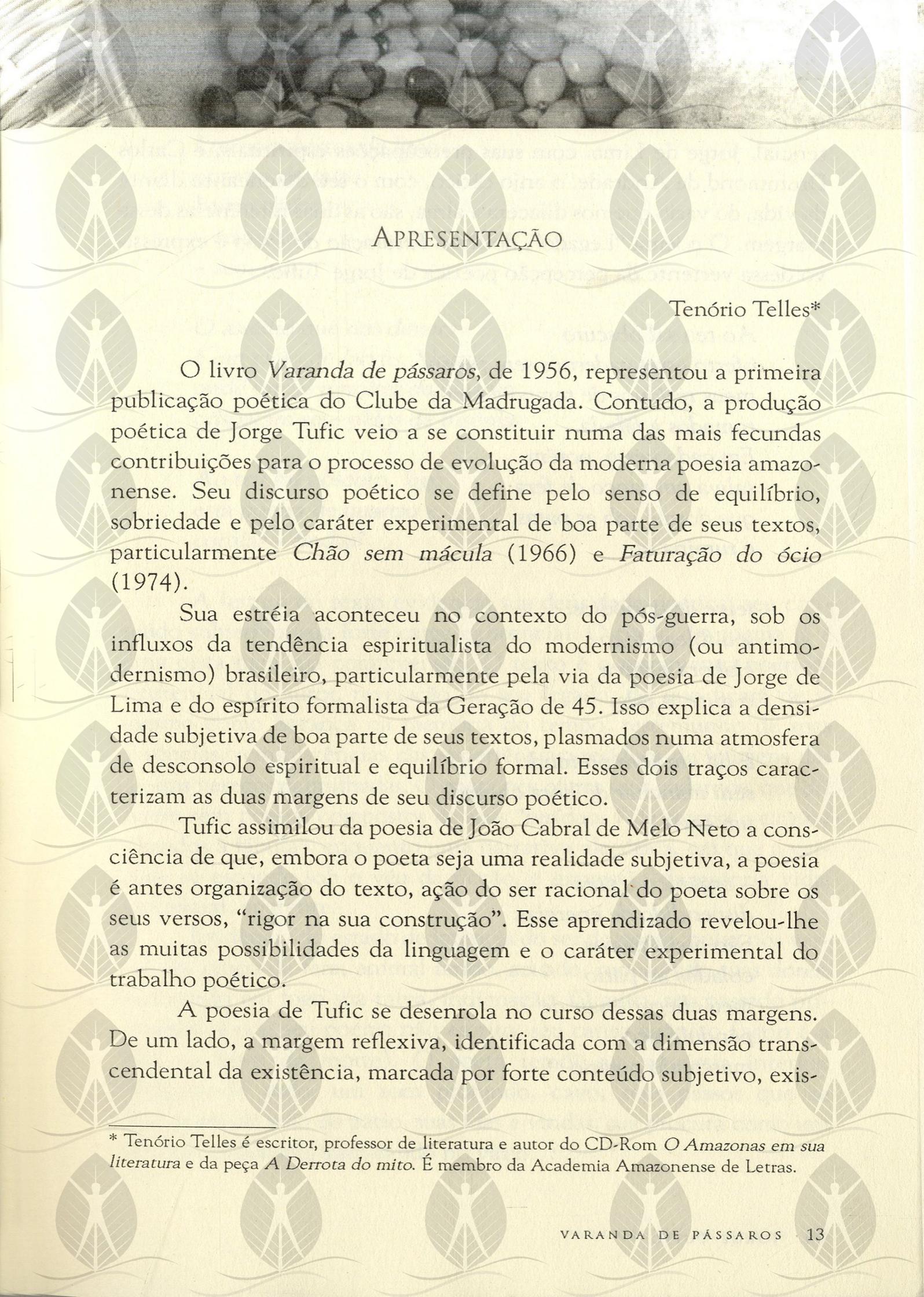
tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores



APRESENTAÇÃO

Tenório Telles*

O livro *Varanda de pássaros*, de 1956, representou a primeira publicação poética do Clube da Madrugada. Contudo, a produção poética de Jorge Tufic veio a se constituir numa das mais fecundas contribuições para o processo de evolução da moderna poesia amazônica. Seu discurso poético se define pelo senso de equilíbrio, sobriedade e pelo caráter experimental de boa parte de seus textos, particularmente *Chão sem mácula* (1966) e *Faturação do ócio* (1974).

Sua estréia aconteceu no contexto do pós-guerra, sob os influxos da tendência espiritualista do modernismo (ou antimodernismo) brasileiro, particularmente pela via da poesia de Jorge de Lima e do espírito formalista da Geração de 45. Isso explica a densidade subjetiva de boa parte de seus textos, plasmados numa atmosfera de desconsolo espiritual e equilíbrio formal. Esses dois traços caracterizam as duas margens de seu discurso poético.

Tufic assimilou da poesia de João Cabral de Melo Neto a consciência de que, embora o poeta seja uma realidade subjetiva, a poesia é antes organização do texto, ação do ser racional do poeta sobre os seus versos, “rigor na sua construção”. Esse aprendizado revelou-lhe as muitas possibilidades da linguagem e o caráter experimental do trabalho poético.

A poesia de Tufic se desenrola no curso dessas duas margens. De um lado, a margem reflexiva, identificada com a dimensão transcendental da existência, marcada por forte conteúdo subjetivo, exis-

* Tenório Telles é escritor, professor de literatura e autor do CD-Rom *O Amazonas em sua literatura* e da peça *A Derrota do mito*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

tencial. Jorge de Lima, com suas preocupações espirituais, e Carlos Drummond de Andrade, o anjo cético, com o seu desencanto diante da vida, do vazio que nos dilacera a alma, são as duas referências dessa margem. O poema "Legado", do livro *Faturação do Ócio* é expressivo dessa vertente da percepção poética de Jorge Tufic:

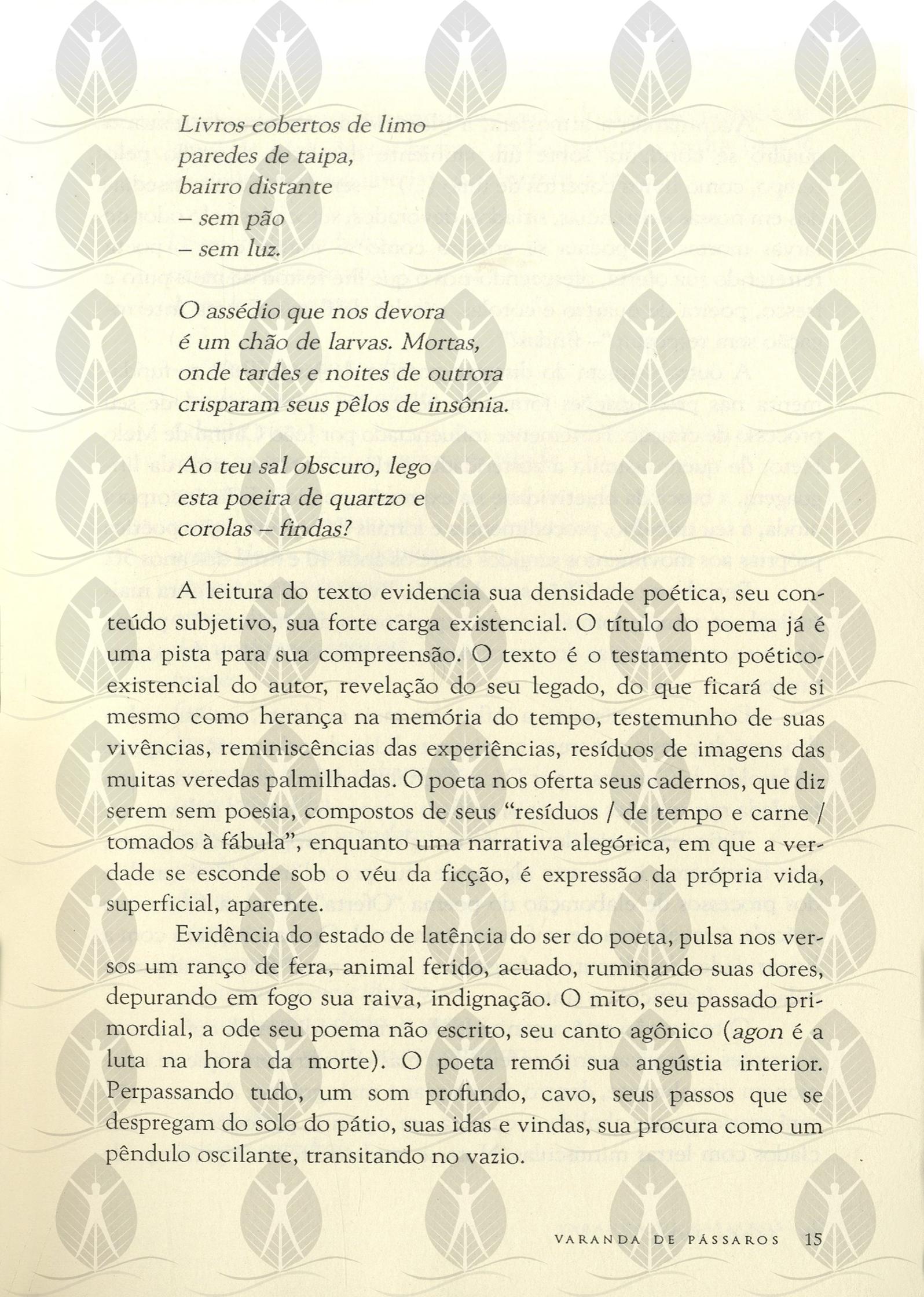
*Ao teu sal obscuro
oferto estes cadernos sem poesia,
meus resíduos de tempo e carne
tomados à fábula.*

*Em cada verso, porém
saliva um ranço de fera
que dorme sob as patas,
e rumina um*

*feixe de episódios:
seu fôlego fogo
elabora a raiva
o mito, a ode.*

*E há um som profundo
sem manchar de hora chegada,
um cavo*

*– orgânico e puro –
dispendido de energias.
São meus passos
colados ao pátio
meu chegar e sair de
pêndulo oco
marcando o vazio*



*Livros cobertos de limo
paredes de taipa,
bairro distante
– sem pão
– sem luz.*

*O assédio que nos devora
é um chão de larvas. Mortas,
onde tardes e noites de outrora
crisparam seus pêlos de insônia.*

*Ao teu sal obscuro, lego
esta poeira de quartzo e
corolas – findas?*

A leitura do texto evidencia sua densidade poética, seu conteúdo subjetivo, sua forte carga existencial. O título do poema já é uma pista para sua compreensão. O texto é o testamento poético-existencial do autor, revelação do seu legado, do que ficará de si mesmo como herança na memória do tempo, testemunho de suas vivências, reminiscências das experiências, resíduos de imagens das muitas veredas palmilhadas. O poeta nos oferta seus cadernos, que dizem sem poesia, compostos de seus “resíduos / de tempo e carne / tomados à fábula”, enquanto uma narrativa alegórica, em que a verdade se esconde sob o véu da ficção, é expressão da própria vida, superficial, aparente.

Evidência do estado de latência do ser do poeta, pulsa nos versos um ranço de fera, animal ferido, acuado, ruminando suas dores, depurando em fogo sua raiva, indignação. O mito, seu passado primordial, a ode seu poema não escrito, seu canto agônico (*agon* é a luta na hora da morte). O poeta remói sua angústia interior. Perpassando tudo, um som profundo, cavo, seus passos que se despregam do solo do pátio, suas idas e vindas, sua procura como um pêndulo oscilante, transitando no vazio.

Acentuando a atmosfera, a plasticidade obscura do texto, o quadro se configura sobre um ambiente desolado, corroído pelo tempo, como livros cobertos de limo (...) “– sem luz”. Somos assediados em nossas existências, sitiados, devorados, sufocados pelo odor de larvas mortas. O poema se encerra como se inicia, com o poeta reiterando sua oferta, oferecendo-nos o que lhe restou de mais puro e fresco, poeira de quartzo e corolas, pétalas de flores. E uma interrogação sem resposta: “– findas?”

A outra margem do discurso poético de Jorge Tufic se fundamenta nas preocupações formais e no caráter experimental de seu processo de criação. Fortemente influenciado por João Cabral de Melo Neto, de quem assimila a austeridade, o rigor no tratamento da linguagem, a busca da objetividade na expressão poética, Tufic incorpora ainda, a seu trabalho, procedimentos e formas de comunicação poética próprias aos movimentos surgidos entre os anos 40 e final dos anos 50.

Percebe-se em *Chão sem Mácula*, livro de 1966, sua obra mais radical em termos formais, e nas experiências do movimento poesia de muro, ressonâncias do concretismo, da poesia práxis e do poema processo.

Dessas experiências, a influência mais evidente, em seu trabalho, será da poesia concreta, movimento liderado pelo poetas Augusto e Haroldo de Campos e por Décio Pignatari, difusores de uma poesia fundada nas relações espaciais, gráficas e sonoras entre as palavras.

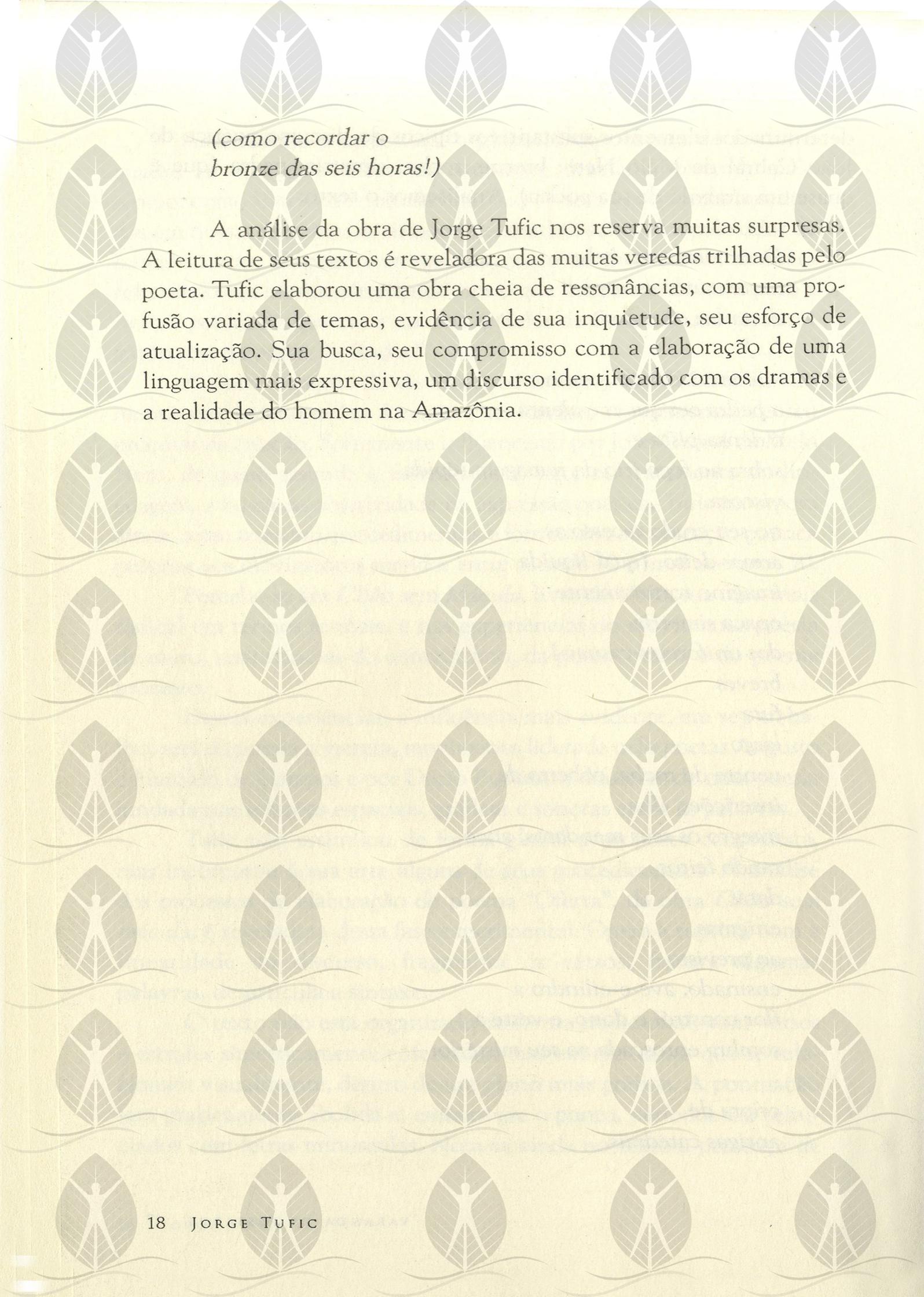
Tufic não assimilou de forma global a proposta concretista, mas incorporou à sua arte alguns de seus procedimentos. A análise dos processos de elaboração do poema “Oferta”, da obra *Chão sem mácula*, é reveladora dessa fase experimental. Opera a ruptura com a linearidade do discurso, fragmenta os versos, fratura algumas palavras, desarticula a sintaxe.

O texto não está organizado de forma tradicional, com versos e estrofes simetricamente enfeixadas, mas em estruturas que se relacionam visualmente, dentro de um plano mais gráfico. A pontuação será praticamente abolida e, embora use o ponto, períodos são reiniciados com letras minúsculas. Nota-se ainda no texto a presença de

determinados elementos substantivos típicos do discurso poético de João Cabral de Melo Neto: bronze, rocha, simetria, pedra (que é quase um símbolo de sua poesia). Analisemos o texto:

*Deste vinho eu bebo
neste canto escorro
desta luz eu morro
(...)
– afeito à cor do sonho
a pedra em que me alenta
é densa pista e
sobra ao fogo frio da ramagem tépida
viscosa.
no seu cruído recesso as
armas deito. (qual líquida
imagino torturadamente
opaca simetria
dos uniformes casuais).
breves
fura
largo
ventre de rocha, coberto de
inscrições, ilha
íntegro os seus mandatos, anco-
rando feitos
datas
enigmas
ao previsto
ensinado, ave-e-cilindro a
flor constrói o dono, e veste a
sombra enroscada ao seu mistério:

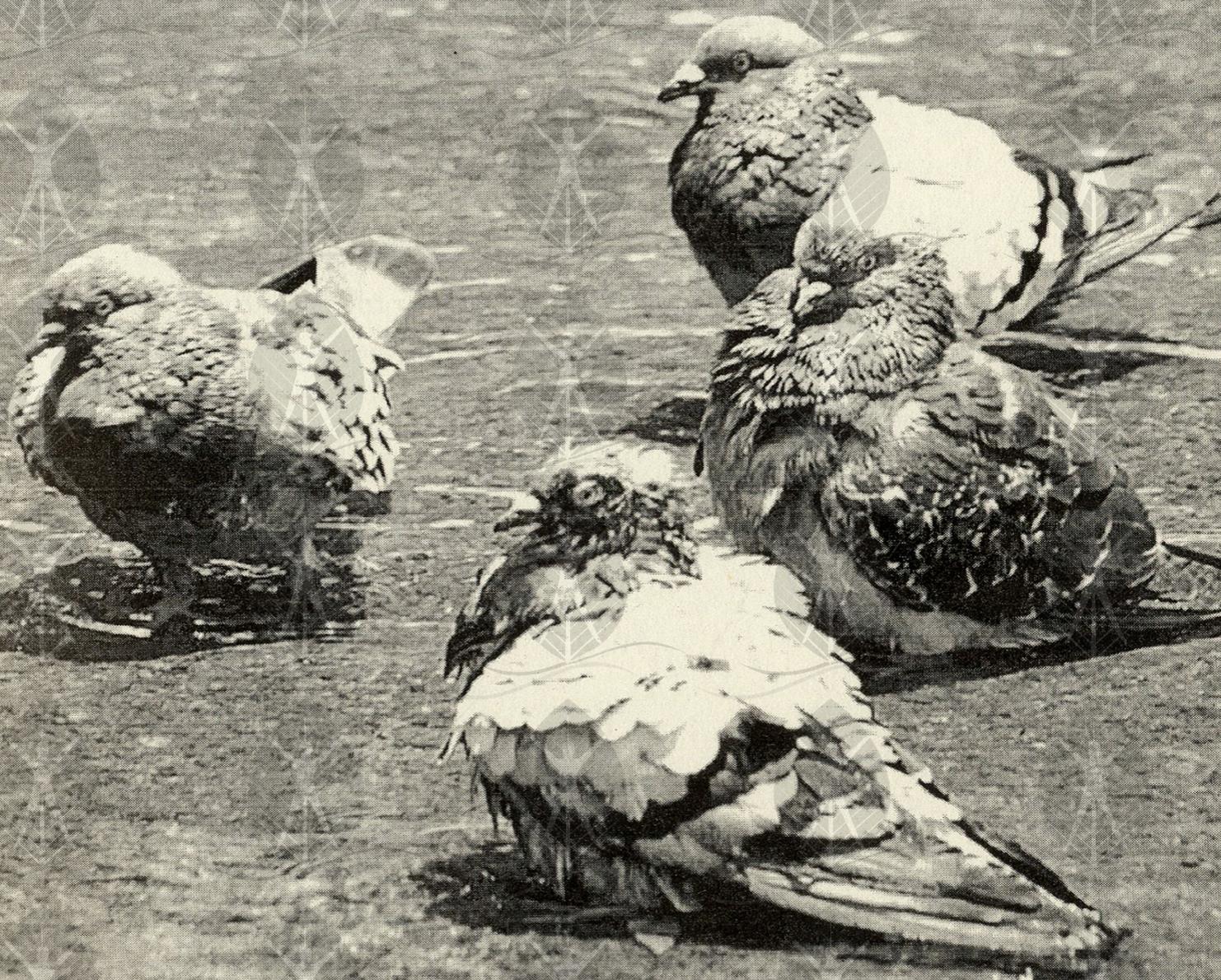
cripta de
antigas catedrais*

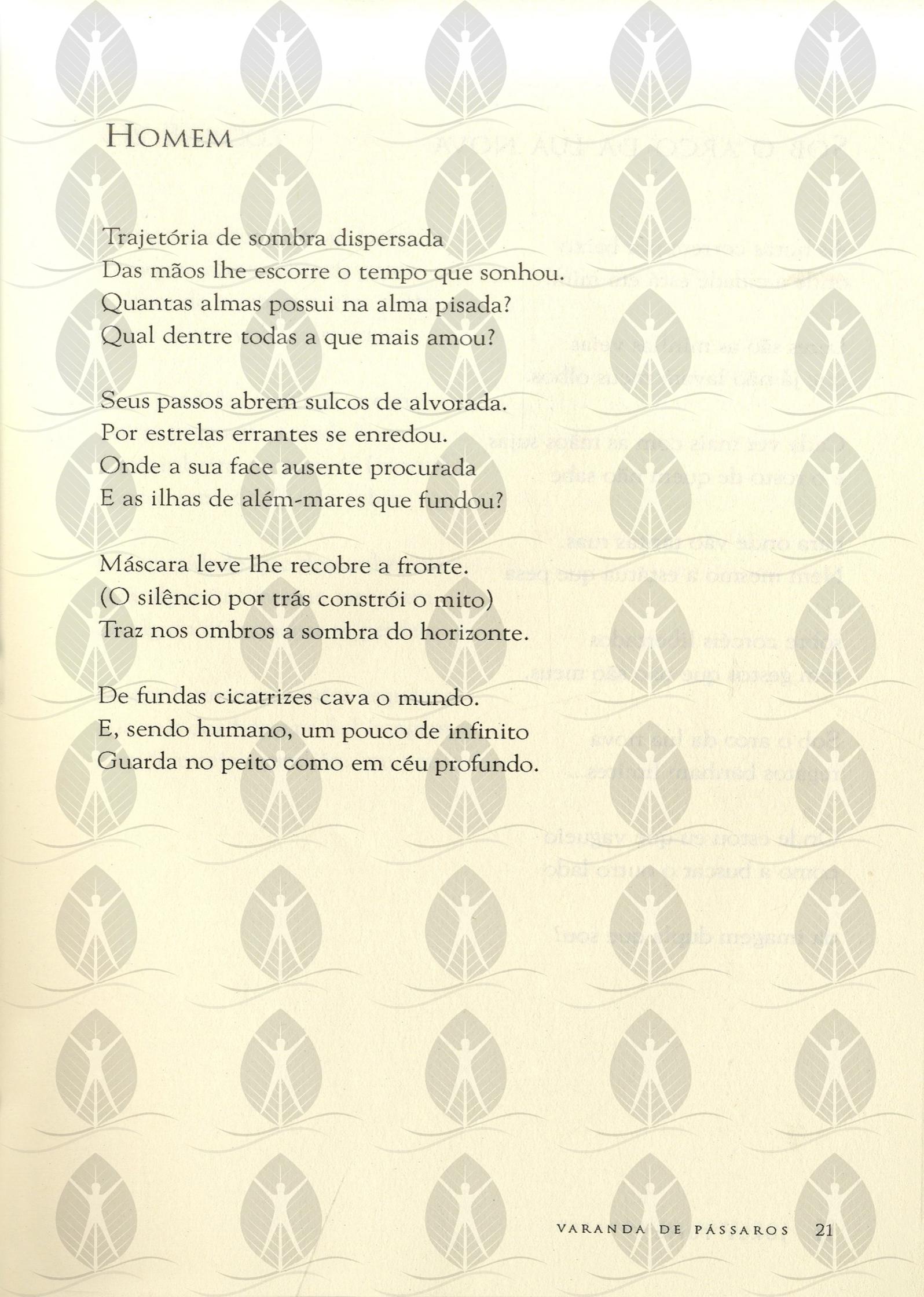


*(como recordar o
bronze das seis horas!)*

A análise da obra de Jorge Tufic nos reserva muitas surpresas. A leitura de seus textos é reveladora das muitas veredas trilhadas pelo poeta. Tufic elaborou uma obra cheia de ressonâncias, com uma profusão variada de temas, evidência de sua inquietude, seu esforço de atualização. Sua busca, seu compromisso com a elaboração de uma linguagem mais expressiva, um discurso identificado com os dramas e a realidade do homem na Amazônia.

VARANDA DE PÁSSAROS





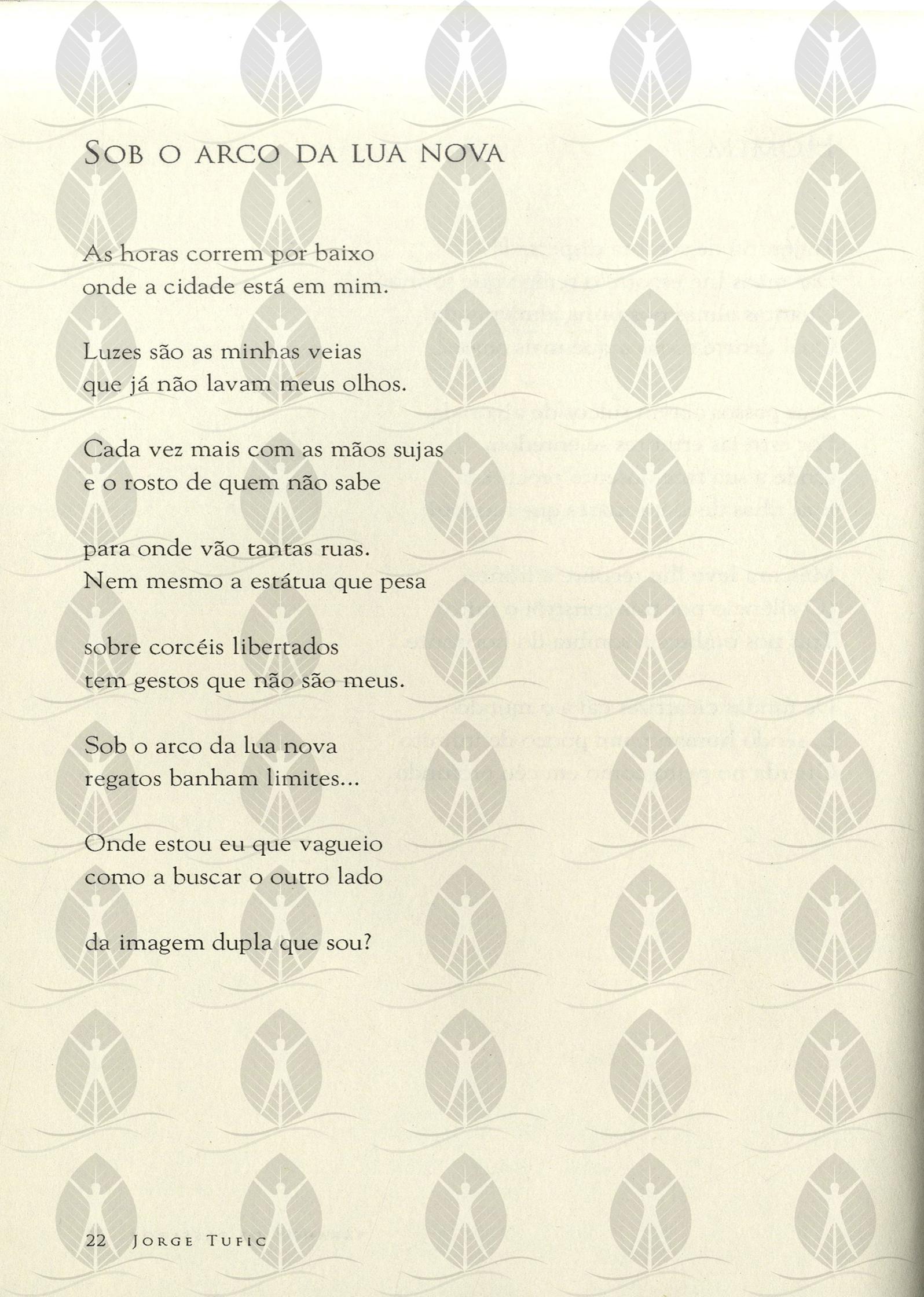
HOMEM

Trajetória de sombra dispersada
Das mãos lhe escorre o tempo que sonhou.
Quantas almas possui na alma pisada?
Qual dentre todas a que mais amou?

Seus passos abrem sulcos de alvorada.
Por estrelas errantes se enredou.
Onde a sua face ausente procurada
E as ilhas de além-mares que fundou?

Máscara leve lhe recobre a fronte.
(O silêncio por trás constrói o mito)
Traz nos ombros a sombra do horizonte.

De fundas cicatrizes cava o mundo.
E, sendo humano, um pouco de infinito
Guarda no peito como em céu profundo.



SOB O ARCO DA LUA NOVA

As horas correm por baixo
onde a cidade está em mim.

Luzes são as minhas veias
que já não lavam meus olhos.

Cada vez mais com as mãos sujas
e o rosto de quem não sabe

para onde vão tantas ruas.
Nem mesmo a estátua que pesa

sobre corcéis libertados
tem gestos que não são meus.

Sob o arco da lua nova
regatos banham limites...

Onde estou eu que vagueio
como a buscar o outro lado

da imagem dupla que sou?



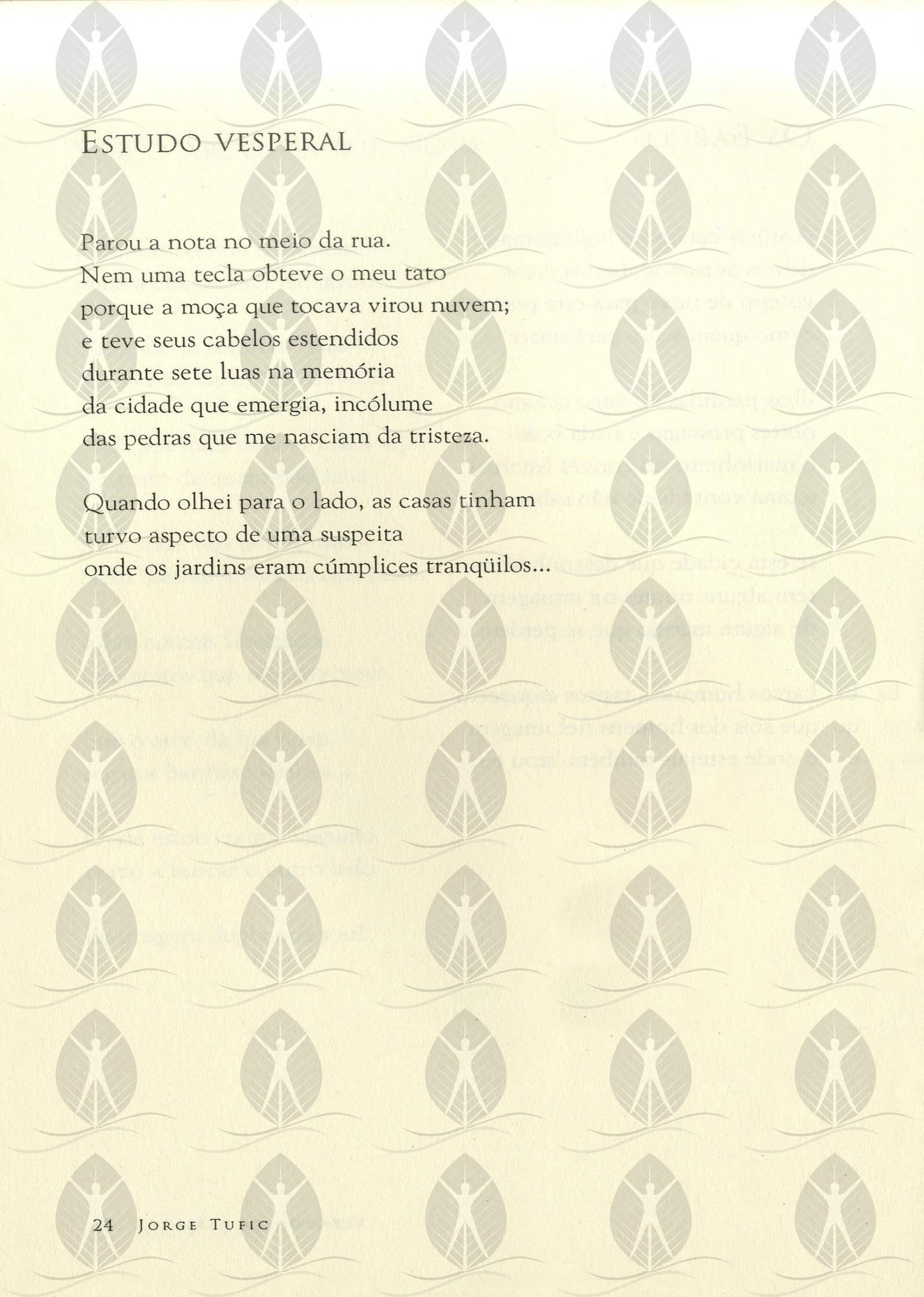
Os BARCOS

Antigos barcos de bojo humano
de novos rumos abertas proas
voltam de novo para este porto
como quem volta para trazer

ilhas perdidas no vago oceano
noites pressagas e nada boas
o marinheiro no convés (morto)
e uma vontade de não saber

se esta cidade que desconhecem
tem alguns nomes na tatuagem
de algum marujo que se perdeu;

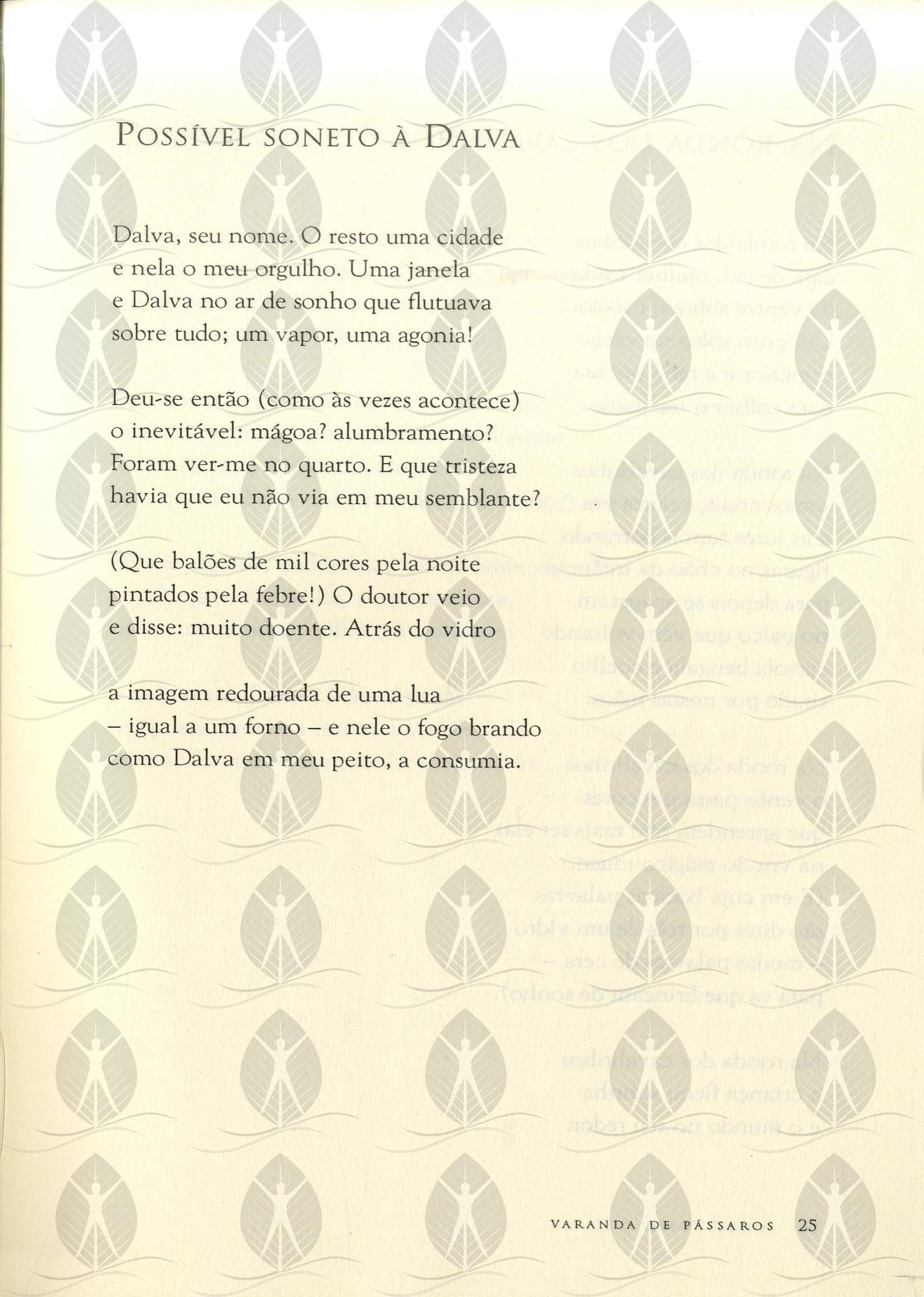
barcos humanos, tantos esquecem
que sois dos homens fiel imagem
e onde estejais também 'stou eu.



ESTUDO VESPERAL

Parou a nota no meio da rua.
Nem uma tecla obteve o meu tato
porque a moça que tocava virou nuvem;
e teve seus cabelos estendidos
durante sete luas na memória
da cidade que emergia, incólume
das pedras que me nasciam da tristeza.

Quando olhei para o lado, as casas tinham
turvo aspecto de uma suspeita
onde os jardins eram cúmplices tranqüilos...



POSSÍVEL SONETO À DALVA

Dalva, seu nome. O resto uma cidade
e nela o meu orgulho. Uma janela
e Dalva no ar de sonho que flutuava
sobre tudo; um vapor, uma agonia!

Deu-se então (como às vezes acontece)
o inevitável: mágoa? alumbramento?
Foram ver-me no quarto. E que tristeza
havia que eu não via em meu semblante?

(Que balões de mil cores pela noite
pintados pela febre!) O doutor veio
e disse: muito doente. Atrás do vidro
a imagem redourada de uma lua
– igual a um forno – e nele o fogo brando
como Dalva em meu peito, a consumia.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

SITE: bv.cultura.am.gov.br



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**